

AUTORES & LIVROS

Ano 10
9/1/1944

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"
publicado semanalmente, sob a direção de Mucio
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. VI
Núm. 2

Notícia sobre Varnhagen

Francisco Adolfo de Varnhagen nasceu em 17 de fevereiro de 1849, em S. João do Ipanema, fazenda pertencente a seu pai, em S. Paulo.

Mãe do sargento-mór do Real Corpo de Engenharia, Francisco Luiz Guilherme de Varnhagen, e de sua esposa, d. Maria Elvira de Sa Magalhães. O sargento-mór Luiz Guilherme era filho, nascido em Aracaju, pertencendo da qual são poucas lembranças os ancestrais, de uma família de origem portuguesa. O velho Varnhagen havia muito tempo a serviço de Portugal; trabalhava em terras portuguesas contra as forças de Napoleão e ficou para o Brasil em 1810 por incumbência do conde de Edmar, para realizar a nossa indústria siderúrgica.

Francisco Adolfo tinha oito anos de idade, quando, tendo seu pai regressado à Europa, foi viver em Portugal. Ali fez os seus primários e os secundários, e os de engenharia militar. Foi um dos ajudados de D. Pedro IV — D. Pedro I do Brasil — na luta contra D. Miguel. Obteve o seu título de engenheiro em 1840. Quatro anos depois veio para o Brasil, afim de pleitear o reconhecimento de sua nacionalidade brasileira. Conseguiu-o pelo decreto de 24 de setembro de 1841. Logo depois, era admitido como oficial no Imperial Corpo de Engenharia do nosso Exército.

Ao vir para o Brasil, já ele trazia o nome de escritor literário e historiador digno de toda consideração. Em 1839 aos 25 anos de idade e ainda aluno da Real Academia de Fortificação — tratava-se como colaborador de "O Panorama", a importante revista onde apreciavam os nomes de Alexandre Herculano,

Rebello da Silva e Oliveira Martins.

A fundação do Instituto Histórico trouxe a Varnhagen novas e frequentes oportunidades para o seu espírito de trabalhador infatigável. Na revista da instituição colaborou ele anos a fio, oferecendo as suas páginas trabalhos da maior importância. Ali travou memoráveis polémicas, sendo que um dos seus mais ardentes apologistas foi nesse ponto o renano da grande frequência de Varnhagen. "O seu talento de polêmico era, contudo, fraco, sob o ponto de vista literário; nada do sarcasmo cru de um Camilo ou da ironia afiada de um Otaviano. Varnhagen tinha a falta de espírito de qualquer "privat-docent" de Bonn ou de Heidelberg, que não possuísse pompa da ciência de escarapacer de Ume ou do penetrante talento de motejar de Schopenhauer". (Oliveira Lima — Discurso de posse na Academia — "Disc. Acad.", v. I, pag. 106).

Em 1842, ingressa Varnhagen na carreira diplomática. Vai, a princípio, servir no cargo de adido à nossa legação em Lisboa. Ali se entregava aos afazeres do seu cargo diplomático — mas entregava-se sobretudo à tarefa de estudar e copiar os documentos referentes à história do Brasil, que nas atividades pesquisas que empreende, vai encontrando nos riquíssimos arquivos lusitanos.

Em 1847, é removido para Madrid, e ali, no mesmo ano, promovido a primeiro secretário. Continua nos arquivos espanhóis com a mesma febre, as pesquisas que realizava nos arquivos portugueses. Em 51, é promovido a encarregado de negócios. Fica na Espanha até 1858,

Nesse ano, vem servir em terras americanas, removido que fora para o Paraguai, na qualidade de ministro residente. Não se deu bem, porém, em Assunção, desgostoso e indignado que o deixavam as atitudes de tirano de Solano Lopez. Certo dia, sem ter antes obtido licença do governo brasileiro, abandonou o seu posto, e veio para a corte. Mandaram-no, então, — em 1861 — para a Venezuela, sendo que a sua ação se estendeu também a Nova Granada (hoje Columbia) e do Equador. Em Caracas, firmou ele três ajustes — para facilitar a navegação e o comércio com a Venezuela, adiando a demarcação, e reconhecimento das fronteiras entre os dois países, e estabelecendo o princípio da reciprocidade na extradição.

Em 63, foi removido para o Peru e o Chile. No primeiro desses dois países, teve um acidente muito grave. Quando irrompeu a luta entre o Brasil e o Paraguai, o governo peruano do general Pardo, pela voz do seu ministro das Relações Exteriores, se pronunciou contra o nosso país, enviando ao Congresso um relatório em que a justiça da causa do Paraguai ficava estabelecida. Varnhagen apresentou uma nota de protesto, firmou um protocolo com expressa declaração dos motivos de sua retirada, e pediu os seus passaportes. Foi isso em julho de 1867. Simultaneamente o encarregado de negócios do Peru no Rio abandonava o seu posto, ficaram assim interrompidas durante dois anos as relações entre os dois países.

Em 1868, foi removido para a nossa legação na Austria, e ali

(Continua na pag. 26)



VARNHAGEN

SUMÁRIO

PAGINA 31:

- Notícia sobre Varnhagen
- Bibliografia de Varnhagen
- A Flora Brasileira, de Varnhagen

PAGINA 32:

- Benefícios da guerra holandesa, de Varnhagen
- A Tabacaria, de Varnhagen
- Estudos sobre Varnhagen, de João Ribeiro:
- Primeiro artigo
- Segundo artigo
- Terceiro artigo

PAGINA 23:

- Escritores do Reinado de D. João VI, de Varnhagen
- História Geral do Brasil, de Varnhagen (frontispício do primeiro tomo da terceira edição).

PAGINAS 24 E 25:

- Síntese de Varnhagen, de Oliveira Lima.

PAGINA 26:

- Varnhagen, de Silvio Romero e João Ribeiro.

PAGINA 27:

- A Fauna Brasileira, de Varnhagen

- Descrição do Brasil, de Varnhagen
- A insurreição pernambucana e Vidal de Negreiros, de Varnhagen
- A fundação da Bahia, de Varnhagen.

PAGINA 28:

- Os Tupis, de Varnhagen
- S. Vicente, de Varnhagen
- Coleção Presença, de Herbert Parentes Fortes
- A nova diretoria da Academia Brasileira.

PAGINAS 29, 30, 31 E 32:

- Uma reedição de Silvio Romero, de Mucio Leão.

PAGINAS 33, 34 E 35:

- Poética de Gonçalves Dias (Estudo lido na Academia Brasileira de Letras e, 22 de dezembro de 1943) de Manuel Bandeira.
- Duas palavras ao historiador, de Raul de S. Victor.
- Só existe uma arte, de Quirino Campofiorito.

PAGINA 36:

- Livros da Academia, de Mucio Leão.

Bibliografia de A Flora Brasileira — Varnhagen

A bibliografia completa de Varnhagen, é enorme, abrangendo as mais diferentes gêneros. Por isso, renunciamos ao propósito de dar aqui informação em detalhe acerca desse assunto.

As pesquisas interessadas em conhecer a bibliografia do grande mestre de nossa história, indicamos o trabalho de Basílio de Magalhães, publicado na "Revista da Academia", n. 33 (que completa a biografia, aparecida no número 31). Esses dois trabalhos formaram juntos o volume "Varnhagen" (Rio, 1928). Indicamos também o trabalho de Rodolfo Garcia — "Varnhagen" (1928). Ainda apontamos, como uma boa fonte de informações no assunto, a notável inserção no "Diccionario Bio-Bibliographico Brasileiro" de Agostinho Guimarães. Ali se acha, ainda uma série de informações acerca dos livros do historiador, muita vez transcritas nos comentários do próprio Varnhagen. De seus autores.

A vegetação aqui é sucessiva; poucas árvores perdem as folhas; algumas delas carregam de flores, quando ainda os seus ramos vergam com o peso do fruto da "safra" anterior; e destes últimos vão um inchando, quando já outros estão "de vez" ou de todo maduros.

Nos terrenos de formação de "gnéis", em vigorosa decomposição pela ação fortíssima de "atmosfera" e das chuvas torrenciais, há mais humidade, e a vegetação é mais luxuriante, sendo aí mais admiráveis as matas virgens.

No litoral tem as plantas bastante analogia com as da costa d'África fronteira: nos alagados do mar "pululam" as "hinophorais", que chamamos mangues, as quais se multiplicam pelos próprios ramos, que dos galhos se debruçam a buscar a terra. São árvores como que destina-

das pelo Criador para marcar os limites aos rios dos climas entropicos, quando as suas águas se vão mesclando com as salgadas do mar.

Seguem muitas euforbiáceas, malváceas e leguminosas. Abundam, porém, mais que tudo, e que em país nenhum, as famílias das palmeiras e das orquídeas, parasitas aéreas de grandes e notáveis flores.

Mas o que torna mais original a vegetação deste país é a abundância dos cipós, que caem vertendo dos ramos das árvores ou se unem umas às outras, como se fossem a enxada de seus troncos contra os tufoes, ou finalmente se enrolam por elas; e, às vezes, com tal força que as alojam, ou com tal avidoz, que lhes clupam o melhor do seu suco, e as assassina: substituído assim ao antigo tronco, que apodrece e se consume com o tempo, outro novo se espira-

SINTESE DE

Cabem-nos certamente alguns dos defeitos por que somos acclamados. Como raça e como povo — latinos pela cultura, portugueses pelo sangue, brasileiros pela nacionalidade — do que não podemos, entretanto, ser facilmente acusados e de ser julgados a nossa admiração pelo talento, pelo valor e pelo sucesso. Ela é antes fácil e ruidosa. O pior, porém, é que, constituindo a admiração, quando consciente e fundamentada, a projeção do epicurismo intelectual, os que procuram a harmonia das faculdades espirituais tanto quanto o equilíbrio da vida material, podem, pelo efeito de uma conhecida lei física, ser naturalmente levados a encontrar e reconhecer, que é a projeção da ternura do coração. Não creio, contudo, incompatíveis as suas manifestações e se, como para alguns só acontecer, a admiração é característica dos talentos inferiores e o reconhecimento distintivo das almas pusillâneas, aceito de bom grado uma e outra qualificação, para dizer-vos, Senhores, quanto me alegro e quanto me honra vir hoje expressar-vos meu maior reconhecimento pela minha eleição para membro da Academia Brasileira e dar largas à minha admiração pelo mais notável dos nossos historiadores, porquanto foi o mais valente trabalhador da história nacional.

Quando, muito novo ainda, eu estudava pedagogia na Torre do Tombo, de Lisboa, tendo por mestre José Basto, um dos auxiliares de Herculano na obra grandiosa do "Portugallio Monumenta Historica", costumava analisar enquadrar nos magos de papéis bolorentos, de caracteres semi-apagados, debaixo da poeira dos séculos algum documento que na minha prosapia juvenil julgava dever ser decisivo para a solução de qualquer dos enigmas da nossa história, que os tem, enquanto data de ontem. Ora, era com viva surpresa e não menos vivo desapontamento que, em quase todos aqueles papéis, se me deparava a marca discreta do lúpus de um pachorruto investigador que me precedera na luma, e que verificou não ser outro senão Francisco Adolfo de Varnhagen. Atribuindo o seu nome ilustre a cadeia que a vossa benevolência aqui me concedeu, escolhendo-o, pois, para meu patrono — mais carreira de um padroeiro, para usar da linguagem tradicional, que tão bem corresponde ao personagem e até ao espírito "cônego de século" — celebrando agora sua memória, faço mais do que instintivamente recorrer a um modelo, tracejado uma saúsa impressão da primeira moidade, além de prestar uma das mais merecidas homenagens que reclamam os fundadores do nosso patrimônio intelectual.

Modelo também poderia chamá-lo, como diplomata e homem de letras que foi, e mais prezando esta qualidade do que aquela, ao que a sua revelava o bom senso germânico que herdara, porque, ao passo que a literatura se torna cada vez mais árdua pela soma de conhecimentos que requer, a diplomacia torna-se cada vez mais fácil pela soma de predicações que dispensa. Não é maliz da diplomacia lembrar que, merced da maravilhosa facilidade de comunicações, do desenvolvimento da vida política pelos jornais, da virtual cessação de todo o sigilo de Estado, da colocação dos cargos públicos ao alcance de todos os cidadãos, não mais permanecendo privilégio de uma casta, de outras circunstâncias ainda, ela deixou de ser uma arte para tornar-se uma profissão. Os diplomatas dependem agora tão de perto e descansam tanto sobre o chefe da sua corporação, gozam assim de tão pouca iniciativa e autonomia, que já foram irreverentemente tratados de meros tocadores de certo instrumento anti-musical, que Rossini tinha em horror, e que a gravidade académica me dissuade de mencionar. Pelo contrário, o historiador moderno carece de ser, além de um erudito, um artista; de descobrir, ele próprio, as fontes, analisá-las o valor, saber aproveitar o manancial que delas brota, quando ainda livre de impurezas, e arreado-lhe em vasos do mais puro cristal por ele mesmo facetado.

Nas páginas eloquentes dedicadas por um académico francês, o Duque de Broglie, a Victor Duruy, lê-se o que deve ser hoje o historiador, como tem de combinar a sagacidade da verificação com o talento da exposição, aliar a circunspeção do pesquisador à habilidade do narrador, o que, demandando em rigor para aplicar-se a evolução de um povo ou de uma nacionalidade tempo mais que o de uma vida e inteligência mais do que a humana, convida à elaboração das monografias e, como consequência, produz a dispersão da matéria histórica. Não há, com efeito, quem não esteja convencido de que o século atual será irremediavelmente o século dos especialistas. Aquelas palavras de Broglie são tanto mais dignas de meditação quanto e bem verdade o que antes afirmara Augustin Thierry, um dos mestres da moderna história francesa, que a direção intelectual dominante no século XIX seria a necessidade da história.

O século em que há pouco entramos encontra bem aproveitados todos os recursos desse campo, cuja vastidão contida desafiava a das savanas imensas por onde vagou o espírito errático de Chateaubriand, que foi o primeiro a fundar o pitoresco. Aplicando ao próprio genio o próprio báculo na extenuação mental de sua época, revelou-se o mesmo Thierry um magnífico conhecedor dos tempos antigos, um conhecedor como na língua portuguesa só se encontra analogo em Alexandre Herculano — "sábio, vigoroso", animado, apontando eloquentemente os textos primitivos e nos documentos originais as suas informações precisas;

até liberal intransigente de julho, como foi Herculano em política um ferrenho carlista.

Caberia Varnhagen dentro da categoria delineada pelo ilustre Duque? Teria sido um erudito e um artista, um Niebuhr e um Beulé? Se não, aproximá-lo ele sequer daqueles representantes eméritos do gênero severamente histórico, que não faz concessões extraordinárias às gulas do estilo, e na conciente gravidade põe seu maior encanto? Na forma académica, tal como a consagraram os franceses, é inevitável o gosto de leves e mal disfarçadas ironias. Nós, porém, não estamos empenhados neste momento na recepção de um novo membro da nossa Companhia, nem no elogio de um compatriota de ontem, cujas fraquezas se escritor — quem deixará de lê-las? — ou cujas antipatias de gostos literários estejam presentes e vivas. Glorificamos um morto, de longa data, que já a ninguém faz sombra e não mais é discutido. Não se trata de um predecessor a criticar, mas de um padroeiro a canonizar. Seriam assim inconvenientes as ironias, sobre serem descaídas. Lembremos de que Varnhagen foi, sem contestação, o criador da história pátria, senão em síntese luminosa pelo menos na comprovação essencial, é tão somente com respeito que devemos encarnar essa figura saliente da nossa literatura, posto sejamos forçados pela justiça a maliciar das reservas indispensáveis em todo estudo a nossa legítima admiração perante ela.

O fato é que os fastos literários se não nifam entre nós de um historiador parecido com qualquer dos espíritos superiores de cujos nomes faz menção. Francisco Adolfo de Varnhagen foi por certo o mais notório e o mais merecedor dos estudiosos do passado brasileiro: foi um ardente investigador, um infatigável resuscitador de crônicas esquecidas nas bibliotecas e de documentos soterrados nos arquivos, um valioso corretor de falsidade e ilustrado colecionador de fatos. Porém o dom admirável de comunicar vibração às turbas desaparecidas, que caracteriza um Michelet, ou a extrema habilidade de reconstruir com um aglomerado de pormenores, um caráter humano, ou de deduzir uma lei da evolução, que particulariza um Taine, os não possuiu o autor da "História Geral". Falta-lhe para isto, mais do que uma faculdade psicológica aguçada por sólida e moderna preparação científica, a ingente obra crítica que aqueles outros escritores contavam a ampará-los.

Remontando mesmo mais longe, dentro do século findo, do que a Michelet e Taine, Thierry escudara-se com os pacientes trabalhos dos Benedictinos e com os resultados das pesquisas das Academias, e Alexandre Herculano, ainda que abrangendo a sua produção um longo esmiuçar de monumentos históricos, sentia-se arrimado aos faustos mas excelentes frutos da atividade da Academia de História e da Academia das Ciências. No Brasil, apenas hoje graças juxtaamente ao labor indefesso de Varnhagen, a estudos especiais como os de Norberto de Souza sobre a conjuração mineira, do dr. José Rêgo sobre o período do domínio holandês no Norte e do sr. Lucio de Azevedo sobre os Jesuítas no Grão-Pará, e ao impulso prestado às monografias, dissertações e comparações de documentos pelas associações de que são modelos o Instituto Histórico do Rio de Janeiro e, em menor escala, os Institutos de Pernambuco, Ceará, Bahia, S. Paulo, etc., poderá um sincerizador tentar firmar numa vida de conjunto a sua concepção particular do desenvolvimento pátrio.

O traço dominante da individualidade de Varnhagen e a paixão da investigação histórica, a qual subordinou todas as suas manifestações de escritor. Ele traz-nos à memória o fascador atraído pelas palhetas do ouro ou o garimpeiro hipnotizado pelos diamantes, esquecido da beleza da paisagem em que habita por descobrir os tesouros da terra, cego diante da formosura que seduziriam e da transparência da atmosfera, que persuadiria o pincel de um pintor, surdo ao sussurro das folhas e ao canto das aves, que acordariam o estro de um poeta. Se compunha um drama como o "Amador Bueno" (1), Varnhagen escolhia um ponto controverso da história pátria, aproveitando em sua plenitude a legenda que a sua crítica não podia acolher sem ressalva (2). Se esboçava uma novela como a "Crônica do Descobrimento do Brasil" (3), fazia-o, segundo declarou (4), para vulgarizar o primeiro documento histórico relativo ao Brasil, que foi a carta descritiva de Pero Vaz de Caminha: por achar que a forma do romance era o melhor meio de adaptar ao gosto de todos a história do país. Se redigia os nossos épicos, Basílio da Gama e Durão (5), ou outros dos nossos poetas no "Florilegio", buscava sobretudo um pretexto para escrever-lhes as notícias biográficas — as melhores que até agora temos — e recheiar as publicações de notas eruditas. Se traçava algumas páginas sobre arquitetura a propósito da Igreja de Santa Maria de Belém, não o impulsionavam tantos sentimentos de arte como o desejo de aproveitar mais uma contribuição para fixação de épocas históricas.

A carreira diplomática, da qual percorreu todos os graus, ofereceu-lhe principalmente ensejo para indagações na mais valiosas em arquivos e livrarias. Da Torre do Tombo, em Lisboa, extralou do-

cumentos sem número e sem par. Dos do Senhores está cheia a primeira edição da sua história do Brasil (6), servindo-lhe aqueles de que então se não aproveitou, para, quando na América do Sul, preparar o ensaio sobre a ocupação holandesa do norte do Brasil e escrever a famosa defesa de Vespúcio. Em Viena delineou a história da Independência, ainda inédita e atualmente em mãos do nosso conselheiro sr. Barão do Rio Branco, em grande parte sobre as informações diplomáticas do Ministro austríaco no Rio de Janeiro, admiravelmente colocado para seguir a trama íntima dos acontecimentos como representante de uma corte parente, e possuindo no próprio seio da família real portuguesa uma natural informante na pessoa da arquiduchessa Leopoldina. Ninguém contestará que este rol de serviços seja superior ao que podem apresentar muitos diplomatas, mesmo ainda de fresco do torvelimho de negociações espíndolas. Mais vale em todo caso escrever história com autoridade do que ajudar a fazê-la sem capacidade.

Varnhagen é um exemplar precioso para a justificação da celebre teoria de Taine, de que, do meio e do momento, que os exárgos dos discípulos não lograram desmerecer.

Nascido em São Paulo, era, porém, filho, de um alemão, mineralogista durante que restaurou e administrava a conhecida fábrica de ferro de Ipanema e que com Eschwege, Debrét, os Taunay e tantos outros, fazia parte do grupo de europeus do Norte, ao qual o Brasil deveu um inestimável concurso intelectual nos começos de sua existência como nação independente. Da raça germânica recebeu ele em legado o amor ao trabalho aturado, a paciência na elaboração de uma obra, o cuidado na exactidão dos resultados, que a sua educação de engenheiro só podia ter potencializado. Vindo para Portugal aos oito anos, criou-se entre aquela geração do "Panorama", ajuda de regeneração mental, seduzida pela evocação do longínquo passado nacional, dominada pela grande corrente de curiosidade histórica de que talava Thierry. Os primeiros ensaios de Varnhagen, depois das "Reflexões críticas", encontram-se precisamente no mencionado órgão da propaganda romântica — tomamos esta expressão no seu sentido mais largo e mais levantado — colaborado por Herculano, Oliveira Martins, Rebelo da Silva e tantos outros escritores do tempo. O "meio" e o "momento", portanto, não podiam ser mais propícios ao desenvolvimento dessa vocação de historiador, cuja corola ainda ornamentada se via, a qualquer de luz e de calor que lhe avivasse as cores, para o sol magnífico que doira cada dia o pináculo do monte Parnaso.

A educação literária em Portugal, nas condições apontadas, não impedia, antes contribuía para que "a pátria de nascimento e de opção" (7) lhe occupasse exclusivamente o espírito logo que encestou a carreira das letras. Não faltava já nas "Reflexões críticas" a ênfase pela Academia das Ciências do "Roteiro do Brasil", de Gabriel Soares, do qual ele daria mais tarde nova e correta edição (8), o primeiro trabalho que lhe devemos do "Diário da navegação do Brasil, de Martin Alonzo de Souza", escrito pelo irmão Pero Lopes, enriquecido com curiosas anotações. Depois contavam-se por dezenas os manuscritos referentes ao Brasil que salvou da destruição os papéis históricos que livrou do esquecimento. Desde a "Narrativa epistolar", do padre Fernão Cardim, até a "Descrição do Maranhão", de Heurtel (9), é um nunca acabar de subsídios valiosos fornecidos por Varnhagen ao estudo dos nossos três séculos de vida colonial. Era como se ele tivesse avocado, para compilação, uma tarefa que de ordinário se reparte por uma porção de sociedades de descanso mútuo.

A fundação do Instituto Histórico do Rio de Janeiro, no próprio ano da sua estreia na literatura histórica, veio a propósito para estimular-lhe o zelo e provocou-lhe a redimir seus esforços de exavador, já recompensados pela Academia de Lisboa com a admissão para socio. Também o seu espírito era perfeitamente o de um académico do século XVIII, com a compreensão mais larga das cousas da inteligência dada pela cultura moderna. Nem lhe faltavam aquelas birras literárias, aquelas melindres profissionais tão característicos, e que nele deram nascimento a várias, conhecidas e intratáveis polémicas, azedas umas, urbanas a maior parte, com Abreu Lima, com o Visconde de Santarém, com D'Avenas, com Richard Major, com João Francisco Lisboa, com Netcheer, com Antonio Henriques Leal. Não havia competidor que lhe inspirasse recio, nem simulação que o fizesse recuar. O seu talento de polemista era, contudo, fraco, sob o ponto de vista literário; nada do sarcasmo cru de um Camilo ou da ironia ainda de um Octaviano. Varnhagen tinha a falta de espírito de qualquer "privat-docent" de Bonn ou de Heidelberg, que não possuísse sombra da ciência de encanecer de Haine ou do penetrante talento de motejar de Schopenhauer. A zombaria era-lhe estranha. Quando tentava ter graça, metendo algaris a ridiculo, nada mais conseguia do que fazer-nos sorrir da sua insipidez. Enganando a argumentação sem nunca fulminar o adversário com um rol de indignação ou submergi-lo numa tempestade de galhofa, descendo às últimas minudências pelo ha-

(1) Lisboa, 1819.

(2) História Geral, 2ª ed., tomo II, pag. 285.

(3) Panorama, 1820.

(4) Lucrécio, Dicionário Bibliográfico, tomo II, pag. 320.

(5) Lisboa, 1823.

(6) Publicado em Madrid em 1834-37.

(7) Réplica apotegmática de um servilismo eslavado.

(8) Tomo XIV da Revista Trimestral.

(9) Viena, 1874.

Aspelle de Igonenius, terra em que nasceu Vernhagen, em 1881.

115 Narrative and Critical History of America, 8 vols.
116 1810-1811. New York: New York Historical Society.

A insurreição pernambucana e Vidal de Negreiros -- Varnhagen

das" e que pela sua pequenez e vida rápida, parecem dar vozes zanzadoras bemoras. As brancas arapongas fazem repentinamente nos bosques pirantes sons, que imitam os da perenidade das mariposas nas brignolas dos "ferradistas" cujo nome tomam; ao ponto que os "bambões" e os "tan-puras" justificam a, quanto ao nome, que, "onomatopieicamen-

Woznia 4

Poesia Brasileira.

AK

TUDO PRECEDIDO DE UM

ENSAIO HISTÓRICO SOBRE AS LETRAS
NO BRASIL

TOMO II.



LISBOA

NA IMPRENSA NACIONAL.

1850

Página de rosto da "Folha de São Paulo Brasileira" (ano 2º de
Vinte e Nove — Liberdade — Imprensa Nacional — 1890)

tentanto, o "Disante", ou louro-peludo e barbado. Entre os animais pequenos natam-se como

Por sua melodia distinguem-se, nas províncias do Norte, os "cururus" (às vezes chamados como "coronados", segundo os índios "emboalhados", os "beirados", os "pala-lhas", os "arranhados de coqueiro"), os "ribus" e finalmente os canários, semelhantes aos pitulados da Europa. Os "ribus" de várias espécies, comuns a todo o Brasil, fazem ouvir longe sons harmônicos, e os "popus" ou "chichas", com "cliques" e "querquens" imitam com mais ou menos êxito, os cantos de alguns outros animais.

As "goreas" e as "riberibris" também, em muitos lugares, se ouvem muitas vezes, quando dos rios "bucacos", os

Em alguns distritos amazônicos abundam as *laricarpas* de várias espécies, de cujos ramos machucados se recolhe grande abundância da chamada "manjota de laricarpa".

O sobrio os quarto brasileiro apresenta originalidade, e passa pelo mais rico da terra em superfície aquil. Creve que os miz menos de seis mil espécies de pias, que por um a duas plancas, este continue do sel ferreio a longa parte, das, quando cedem a mias em forma de plumagem os mias diversos da Africa e do Oriente. Tais são as grandes "garças" e "manatins", os ostrados "loquas" e "lucanissas" de papel amarelo, cuja plumagem cores de amarelo no manto bingeral, os pernilheiros "quaras", os roneas "nocheretas", as loquizes papagaios, os verdes periquitos, e, mais que todos, os "quarimibis" em ornamentos de plumas "ara-nha-vores".

Com a partida de Nassau para a Europa, ficaram as relações do Brasil holandês confiadas a três negociantes (do ourocuru, Hamel, Van Boelsteyne e Bus, que de um deles se disse: "haver sido carpinteiro, lojista, outro e outros em Harlem e terceiro, Terra demasiado aristocrata era de Pernambuco para ardejar, sem repugnância obediência a estrangeiros de baixa raça, cuja vaidade, colúbia e intolerância faziam, ainda para mim, notável contraste com a humildade, desprezível e generosidade do príncipe de Orange. Ora, os esforços e potências das maranhenses e contrários ao mesmo de ver casados de triunfantes resultados, quando nenhum certo benefício produzido, nem as tropas e guarnição do conde da Terra nem as diplomacias de Montfaucon.

Não era, pois, de admirar que a maioria dos brasileiros, residentes quer na extensão que decorre do Rio Grande do Norte até o Rio Real, quer no território fora do domínio holandês, o amor da pátria indicasse que lhes cumpriria tentar esforços semelhantes. A prova de todo suceder de ser pois o caso estranho.

Pensamentos tais, que estão no coração de todos, não têm valor determinado.

«Acrescentam só uma alma
grande que deles se apodre-
ce. Há o impulso. Tinha-nos
o Velho de Negreiros, filho de
Pombal, e que já em 1806
previdenteiramente deixamos comediado
por motivos fúteis, de guerra
a consequência dos quais
succepiam-se promovendo
o alongo até o posto de tenen-
te de mestre de campo, que po-
díamos dizer de tenente-corpo-
rais que ainda se a alguns pos-
tos de a frente se davam nome-
amentos nos de que hoje, crami-
nando as que os mesmos, e a
leitura de todo intraduzido no
Brasil durante esta guerra,
bem que não fallassem. Sorti-
ram que, contradizendo já ne-
sta afirmação com as proprie-
dades que narravam, quisessem
em parte por disfarçar política-
mente, tudo a glória a João
Fernandes Vieira, chamando-
lhe já nobreza Luciano, não
Castro Luitano, não apela-
mos unicamente para os fatos
comprovados, e, no examina-
lo, a teor julgava-se, dando a pa-
lma a André Vidal, no mais in-
finito sentenciámos com paizão
Longoiro nos e, sem duvida
de exaltar a memória de um
distraído patriota; mas nos cas-
ual, em que, para salutar
um herói, há que deixar um
tanto desprovido outro, até ago-
ra injustamente exaltado e
fameado, não o excentramos
se a concepção guiada pela jus-
tiça nos não alentara a pont-

o país vários contrastes originais. A pur de plantas de muita virtude medicinal, à frente dos quais citamos a "copaíba", "ipêcacuanha", o "male" e "guaraná", produz também venenos alucinatórios. Ao povo guberno a insensível "anta", enfim, "peca", a meiga "caila" e a curador "trado campeiro" o "do mato", estão em risco de encontrar um faminto "jaguar" ou uma medonha "cangaueira" que uidearíamos talvez chamar a Brena do Brasil. Ao espontâneo de de "seriemã", que muito tempo, ou ao gordo "marruca" que "rantaia" no mato ou ao ávido "jaca", escondido na mangarim da "meuba" no

deresa per-vos surpreendido pelo picado peronhento do mundico réptil, que num instante decora o fio da vida que haveis recebido do Criador; e, achando-vos à beira de um rio não estais livre de que vos esteja "tuastando" algum traidor "fascista" ou medonha "sucursal".

de conhecer que nos não cega a grande simpatia que temos pelas virtudes do herói parabaiano que não hesitamos apresentar como digno até de figurar em uma exposição nacional.

Na história da civilização das nações em particular, como na da humanidade em geral, há sempre grandes caracteres ou grandes inteligências, que vão como os precursores ou verdadeiros criadores do pensamento de novas eras, e ao história- do sempre descortina-os.

Muitas vezes contemporaneamente essas grandes capacidades, esses grandes homens vivem confundidos com as turbulências por eles ou pelo povo de seu tempo da terra perecendo ou desprezados, se tiveram bastante coragem e dignidade para não adotar estes nem aqueles, mas a verdade triúfa por fim, e o galardão postumo é tão maior, quanto mais clamorosa foi a injustiça aos antepassados.

o) martirio tambem dá a palma la gloria. Pela nossa parte, que começamos por tributar a Raimundo Lullo, a Colombo e a D.ogo de Gouvea e louvor devido ao talento. As vezes a uma só ideia fecunda, não mod-ris-mos aqui deltar de retribuição a gloria que cabe, em nossa cren-çenda, ao modesto parahuano André Vidal, que mais de uma vez derramou seu sangue pela patria.

Em presença dos fatos, tais como as contendas pelos prêmios apologetas de Fernandes Viçoso, não convenceremos que se houve naquele mesmo século, por motivos políticos e de caráter de estado, necessidade de promover as suas atividades como superiores aos de Vidal, hoje há que tributar a este a justiça devida e concordar que, apesar do atraso da proliferação do governo, a emulação disparadamente pelo governador Antônio Telles, a ele principalmente foi, pela maior parte, devido o êxito da Insurreição de Pernambuco.

"História Geral do Brasil"
1857, Tomo II.

Fundação da
Bahia -- Varnhagen

Sobre a encosta se abriam obliquamente duas laideiras, hoje denominadas do Pau da Bandeira e da Misericórdia, que conduziam desde a praia até as portas da cidade, de uma e outra parte dela. A mesma cidade estava a chapada de frente ao sul, desde o local, que foi dado para o colégio dos Padres da Companhia, até o em que, sob a invocação de N. Sr. da Ajuda, se edificou a primeira capela da matriz. E ai rogado o maior Thome de Souza, como prudente capitão que era, se foi aprovei-

tando deise para fazer uma forte tranqueira, com a qual desde logo ficassem na colônia ao abrigo das incertezas do gentio.

— Terraplenou um tanto o local, traçou as ruas e praças, fez a distribuição de diferentes solares, marcando o dos paços do concelho, da casa do governo, e da das contas. Para a primeira vivenda das colônias, construiu, previamente, com a ajuda de muitos índios, alguns como tiupiares cobertos de palha. Depois tratou Thomé da Souza de dar mais solidez à cerca, substituindo-a por uma forte muralha de taipa, com duas torres para o lado do mar e quatro pela banda da terra, de que já não restavam vestígios alguns manifestos nesse mesmo século, segundo Gabriel Soares.

A este arraial, ainda apenas em princípio, deu o primeiro Governador Geral do Brasil o religioso nome de "Cidade de

(Continua na pág. 38)

DEPARTAMENTO DO
BRASIL
VARNHAGEN

Quem a Brasil alcançasse em
um dia, quase metade do im-
perio continental peninsular
da América Meridional, e co-
mora parte, se assemelha a ex-
atidão toda, e se acha como
fictivamente colando. Es-
tende-se desde o Atlântico até
para os pés dos Andes, e quan-
do doze as duas do Prata in-
cluem-se, dos perfizes in-
cluem-se os das Amazonas, no-
do Lago, a medida que se
passa do solo interior para o
mar, se vê alargando, com
uma margem para um e outro lado,
e, portanto, para o oceano.

Excedia a extensão que abrangia estes dois primeiros rios do Delta, e as eras em serenas que decorriam variegadas pelas correntes felizes correm outros tantos rios caudais. Então, por fim, o rio do território mais a montanha é retido em um lago, os rios das nascentes do rio Amudarya e de suas nascentes brancas. E, assim, não com tanta facilidade se arroja o rio, que deveria da extensão, que, durante certa distância da costa, deitam as ondas d'água de ser salgadas.

“...o perfide deesse rio dos rios
Pescavam imensas ilhas cobertas
de arundo, que fôrão recar-
tar fabulosas Cieludos. A estas
unham as vezes as correntes, e
terra e as árvores, para engran-
tearem outras ilhas, ou para
moer baizo as restitirem a
mesma terra firme donde a-
havião despendido.

Os grandes tributários do Amazonas procedem de serras ou chapais que se elevam proximamente numa paragem central de todo o território. Na qual basta mar pelo Rio da Prata ou para portenas, depois de contornarem e findarem, em parte, a paisagem suas águas. Dessa serras também, ou de suas ramificações, baixam diretamente sobre a mata oriental rios mais ou menos consideráveis, que, em virtude da pouca distância que percorrem, mandando de tão alto, tendo de andar em andamento de topolzeiro em topolzeiro, galgando obstáculos em que se tornam ora saltos e cachoeiras ou simples planuras ou ribeirão, com grande detrimento de variação fluvial, que não dando a princípio, se aproveita de algum de certos limites, e ajuda da circulação. Aquela paragem central de clima ameno em todos os meses do ano, e de fácil comunicação com diversas das serras, apenas se remonta alguns obstáculos naturais, — tão enormes para as forças, e também primitivo, como insignificante para a modernidade em nossos dias, — parece com indicando pela natureza para vir a ser o ponto mais importante no anjo do sertão desse continente, — um empório do nosso comércio interior, em séculos futuros, pelo menos.

("História Geral do Brasil"
vol. 1.ª, págs. 89-90 1.ª edição)

For set map original, offered

OS TUPIIS — VARNHAGEN

COLEÇÃO "PRESENÇA"

HERBERT PARLANTES FORTES

Eram todos de estatura ordinária, ressecados e bem feitos, de aspectos tristonhos, olhos pequenos, com frequência negros, encovados e arguidos, por via de regra, no ângulo exterior, como na raça mongólica; sobrolhos estreitos e muito arqueados; orelhas grandes, cabelo liso, seguro, e sempre negro, bem como as barbas, que arrancavam por costume, e bem assim os cabelos do corpo, pretos e sobrios; ciliços, ficando lampiões; dentes afiados e persistentes, e pés pequenos. Havia sobretudo entre as mulheres, tipo de feições mongólicas, que os europeus elogiavam como formosas. Porém essas atribuições do corpo se achavam, em geral, horrivelmente contraditórias no talento e no gênio.

De cor eram mais ou menos brancos, o que talvez se devia também ao clima que habitavam. Um certo Dr. João XVI bastante observador, advertiu que na América os habitantes das terras quentes eram mais claros, que os das temperadas e frias; bem que entre aqueles fossem mais escuros os das planícies e praias, que os das terras montanhosas. Eram em geral fleumáticos e de paciência original para fazerem o que se propunham. Enfiados, deram bons músicos, e sabedores aturados no estudo.

Quase todos tinham o corpo, em forma a elipse, com linha de terra tirada do genúculo, e a fusão, como na face e nos pés, com um fino veicinho, que extrahia do urucú.

Alguns sarjavam o corpo com riscões nortios com o dente de cutia, instrumento que lhes servia de faceta quando se sangravam. Nessas sarjavuras, em quanto frescas, metiam algum cor, que as tornasse duráveis; e com elas presavam-se de valentões, fazendo geralmente novos ritos, depois de algum grande feito, que por esse meio perpetuavam no corpo. Outros barbas furavam os boços, principalmente o inferior, pondo no buraco um grande botoque, pelo que foram pelos europeus chamados **botoquados**. Quando não

estava posto o botoque, que eles denominavam metara, tinham a facilidade de assustar com ajuda do lábio inferior furado pelo qual conseguiram eixar-se e ar do sopro. Também furavam as ventas e as orelhas, o que era uso muito geral em toda a América, e nelas enfiavam semelhantes botoques, ou arrecadados de osso. Outros índios costumavam esburucar as faces, mettendo netas, de dentro para fora, dentes de animais. Não estando os botoques em seus lugares, saía-lhes pelos buracos a saliva quando falavam e, para se fazerem encaçados, distinguia alguma vez por aí a língua de fora.

Tais botoques eram tão ou de osso como de pedra lisa, ou de barro cozido, ou de ambar, ou lombem de testa de jatai. O primeiro explorador de toda a costa do Brasil, Americo Vesputio, conta-nos que viu muitos com sete buracos na cabeça. Seriam dois nas orelhas, dois nas faces, outros dois nas ventas, ou lábio superior e um no lábio inferior.

Uns deixavam crescer a rueldelha; outros usavam de cerechilho, pelo que, era Minus, lhes chamaram os nossos Coroados; mas o uso geral era tosquia e apanha o cabelo muito regularmente, por uma linha, que passava pelo cimo das orelhas. Combiam o uso de jóias, utilizando com azulejos.

Os principais ornatos eram fios de contas brancas, feitas de búzios ou de dentes dos inimigos, ou de animais ferros, mortos pelos que os traziam; de modo que eram com uma espécie de condecoração, que ninguém se atrevia a usar sem a ganhar. Somente se exceptuavam as mulheres, que as tinham, maxime se haviam ganhado com os maridos.

A tais colares chamavam auecará. Por cada última juntavam no colar um dente de leão, se o podiam obter.

Os ornatos vistosos consistiam em penas, principalmente vermelhas e amarelas, grudadas com a leira ou almecaga, das quais usavam para ornar os braços e as pernas. As plumas

na cabeça eram postas para cima, tendo antes o cuidado de levantarem o cabelo, dando-lhe na raiz com a mencionada almecaga, para o conservarem assim arripado. Como os antigos europeus e asiáticos, usavam a pele, por se fazerem mais belos.

Pode-se dizer que andavam eles e elas quase nus.

Alguns de climas mais frios, se cobriam, porém, com peles de animais; e outros, para se fazerem temíveis, usavam, por carapuça e máscara, de focinhos de onça e outros animais "com dentes e com tudo", como diz Pedro Lopes, e como ainda vemos em tribos do alto Amazonas.

Em ocasiões solenes, os chefes usavam de cocares de penas, que lhes cobriam o crânio até às orelhas, e aos que chamavam açan-gatê; nos pés, umas axorras de certos frutos, que, juntos, tinham, como cascavéis; e da cintura, pela banda posterior, pendia uma tanga de plumas de ema. Alguns se cobriam também de uma espécie de mantos ou tolas de penas, que denominavam "açoraba".

FUNDAÇÃO DA BAÍA

(Continuação da pág. 21)

Salvador", e assim se lhe chama em todos os documentos contemporâneos, e não cidade de S. Salvador, como hoje dizem, talvez porque esse nome foi o preferido na bula da criação do bispado. — Ao mesmo tempo deu à futura cidade por armas, em um campo azul, uma pom-binha, tendo no bico um ramo de oliveira com a divisa: "Sic illa ad Arcam reversa est." — E em verdade a cidade do Salvador era efetivamente o símbolo da paz com que o Senhor acudia ao Brasil. Ao logarejo primitivo junto à barra se ficou por muito tempo chamando Vila Velha, sendo que com tão poucos anos precedera a nas-cença a de sua arduíssima vizinhança. Esta, dentro de alguns meses, já contava com casas regulares, todas no alto; pois que as da praia tão expostas apesar da muralha, a ser soterradas por algum desmoronamento, já se construíam muito depois, em virtude das exigências do comércio, que se ocupa mais do presente que do futuro. O terreno da cidade foi fixado, na conformidade do próprio regulamento dado a Thomé de Souza, a distância de seis leguas para cada banda, exceptuando-se as terras já doadas.

Relatos numa fase de intensa liberdade editorial. Muitas empresas e cada das novas atividades de publicidade com uma coragem que parecia destinada a compensar a falta de liberdade editorial. Indiferentemente, porém, a imprensa não tem muito tempo, salvo para tornar mais ostensivas as razões daquelas ideias. Os novos editores estão ainda muito "crédulos" nos seus autores e estes subordinados aos editores. Esta falta de entendimento mútuo que resultará — assim o especulam — o término da fase nebulosa do momento. Depois, cabe ao editor e seus directores uma providência urgente: comprometer-se a que o novo público, parecendo todo e lido, não "castiga" aqueles que o depreciam com tentativas de exploração, de mera exploração e exploração das "pioras" tendências dos leitores. O Brasil é como foi e será sempre, a terra das surpresas para brasileiros. Uma coisa é esta: o novo público afluente cresce vertiginosamente e apressa-se em suas exigências, de modo amombroso. Como ilustração desse aserto, basta-nos citar:

A nova diretoria da Academia Brasileira

Na penúltima quinta-feira de dezembro passada, a Academia Brasileira de Letras escolheu a nova diretoria que vai dirigir os destinos sociais em 1931.

Apurados os votos, verificou-se o seguinte resultado:

Para presidente, Nuno Leão; para secretário geral, Pedro Calmon; para primeiro secretário, Manoel Bandeira; para segundo secretário, Menotti de Pasquella; para tesoureiro, Roquette Pinto; para bibliotecário, Barbosa Lima Sobrinho e para diretor da "Revista", Ademar Tavares.

A seguir foi aclamada a Comissão de Contas para o mesmo período, que ficou constituída dos srs. Cláudio de Souza, Afonso Pena e Clementino Fraga.

NOTÍCIA SOBRE VARNHAGEN

(Continuação da pág. 21)

permaneceu até a sua morte, que ocorreu dez anos depois. Varnhagen teve o seu título de Visconde de Porto Seguro (com Grandeza) em 18 de maio de 1874. Antes fora Barão do mesmo título.

Casara-se com a. Catharina Ovale Castilho, senhora de nacionalidade chilena, e de seu casamento lhe nasceu um filho, Luiz de Varnhagen, que foi embaixador do Chile em Berlim e morreu em dezembro de 1899, no Rio, onde se achava de passagem.

Varnhagen tinha numerosas condecorações, como a de comendador da Ordem da Rosa, a de cavaleiro da Ordem de Cristo, a de Gran-Cruz da Ordem de S. Estanislau, da Rússia, a da Cruz de Ferro, da Austria, a de Isabel, a Católica, da Espanha, e a de Carlos III.

mas das traduções de livros "traduzidos". Poderem alegar que a moda passou, mas que se esperam os melhores da literatura brasileira, para quem o afirmamos, a assim o julgamos de "Suplementos", — talvez as páginas mais gostosas de toda a edição, e as mais interessantes em todo o Brasil, pois que aqui se respira e estima o melhor brasileiro comum. Estes "Suplementos" são realmente filhos de um ato de fé no bom gosto e no bom senso dos leitores de Brasília. Por isso, a Academia Brasileira de Letras, a quem o afirmamos, a assim o julgamos de "Suplementos", — talvez as páginas mais gostosas de toda a edição, e as mais interessantes em todo o Brasil, pois que aqui se respira e estima o melhor brasileiro comum. Estes "Suplementos" são realmente filhos de um ato de fé no bom gosto e no bom senso dos leitores de Brasília.

A Academia Brasileira de Letras, a quem o afirmamos, a assim o julgamos de "Suplementos", — talvez as páginas mais gostosas de toda a edição, e as mais interessantes em todo o Brasil, pois que aqui se respira e estima o melhor brasileiro comum. Estes "Suplementos" são realmente filhos de um ato de fé no bom gosto e no bom senso dos leitores de Brasília. Por isso, a Academia Brasileira de Letras, a quem o afirmamos, a assim o julgamos de "Suplementos", — talvez as páginas mais gostosas de toda a edição, e as mais interessantes em todo o Brasil, pois que aqui se respira e estima o melhor brasileiro comum. Estes "Suplementos" são realmente filhos de um ato de fé no bom gosto e no bom senso dos leitores de Brasília.

De nossa parte, não há dúvida e também nossos agradecimentos.

(1) O volume a que nos referimos, — número 14, — é enviado, com muita justiça, por uma conferência do prof. Dr. Manoel sobre o pensamento de Tristão de Alentejo. O empreendimento é difícil, porém a conferência tem a vantagem de propor-se a ele. São-se galhardamente, sem outra alguma.

SÃO VICENTE — VARNHAGEN

É o porto de São Vicente, por assim dizer, formado de um canal que, convenientemente, se afilia entre duas ilhas de inextinguível extensão, encilhadas na terra firme. Mala metida por esta adentro fica a que se diz de S. Vicente, cuja planta apresenta alguma semelhança ao perfil de uma cabeça humana, vista pela face direita. Um pouco para o norte, se prolonga a vizinha ilha de Santo Amaro, que, desse rumo, vai fenece na barra do canal chamado da Berloga, corrupção de Buriquoca, que quer dizer "covil de bôgios", o que prova que ali devia de haver muitos, pois eram os Tupis sinceros em tais denominações. Assim a dita ilha de Santo Amaro chamaram eles de Guatibô, planta deste nome, que nela dava como verdadeira praga. A ilha de S. Vicente chamaram Orplon ou Mor-

plon, nome que somente podemos explicar com uma contradição de Morubi-nhum, isto é, Campo dos trabalhadores ou lixadores. O nome de S. Vicente lhe proveio da povoação nela construída, que o recebeu em virtude de ser o que já tinha o porto. O local desta última ilha, escolhido para assento da colônia, foi uma quase insensível eminência fronteira à barra e à ilha de Santo Amaro, mas lavada de areia, e situada no meio do istmo para um farolhão ou promontório, em que ela remia por este lado. Os morros deste promontório alimentariam os mananciais de água para a povoação, e dariam no princípio pedra para as obras; e as matas, que ainda hoje os cobrem, forneceriam com a maior comodidade a necessária lenha. Um pequeno regato, essencial para muito em qualquer povoação,

corre para o lado da barra, e val de água na deliciosa praia, que segue contornando a ilha. — Para o rumo oposto, a quase igual distância, havia outra vez água, um mar pequeno, com beirais muito a propósito para porto e varadouro das canoas. Finalmente do local preferido se desdobrava, pela barra, o mar, até perder-se no horizonte, o que permitia aos moradores, sem atalhas de aviso, juntarem-se a um tempo a qualquer rebate de um pirata inimigo. O viajante que percorresse a ilha de S. Vicente, em busca da melhor paragem para uma povoação, sobretudo no mês de janeiro, em que a praia de Emburi, fronteira à barra, está alagada, ainda hoje não indicaria outra mais adequada, se o porto de S. Vicente pudesse competir com o de Santos, aliás abafado e tristonho.



Francisco Adolfo de Varnhagen, num dos mais divulgados dos seus retratos — ("Discursos Acadêmicos", p. 1)

POÉTICA DE GONÇALVES DIAS

(ESTUDO LIDO NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, EM 22 DE DEZEMBRO DE 1943)

Quero começar este estudo sobre a poesia de Gonçalves Dias com a pergunta: quem foi ele? O crítico literário não pode deixar de se lembrar de que ele foi o primeiro poeta brasileiro a escrever em português. Não o primeiro porque antes dele já havia outros poetas brasileiros, mas o primeiro a escrever em português. Ele nasceu em 1825, em São Paulo, e morreu em 1864, em Paris. Ele foi um poeta muito importante para a literatura brasileira, e seu trabalho influenciou muitos outros poetas.

Ele nasceu em São Paulo, em 1825, e morreu em Paris, em 1864. Ele foi um poeta muito importante para a literatura brasileira, e seu trabalho influenciou muitos outros poetas.

Quando se fala em poesia, a primeira coisa que vem à mente é a palavra "poeta". Mas, quem é o poeta? É aquele que escreve poemas, certo? Não exatamente. O poeta é aquele que sente a necessidade de expressar suas emoções e pensamentos através da linguagem poética. Ele é alguém que vê o mundo de uma maneira diferente, que percebe a beleza nas coisas mais simples e que quer compartilhar essa beleza com os outros.

Para entender a poesia de Gonçalves Dias, precisamos olhar para o contexto em que ele viveu. Ele nasceu em uma época de grandes mudanças sociais e políticas no Brasil. O país estava passando por um processo de independência, e isso refletiu na literatura. Os poetas daquela época buscavam expressar a identidade nacional e a luta pela liberdade.

Gonçalves Dias foi um poeta muito versátil. Ele escreveu poemas em vários estilos, desde o romântico até o modernista. Ele também escreveu poemas em português e em espanhol. Sua obra é muito rica e diversa, e ele é considerado um dos maiores poetas brasileiros de todos os tempos.

Uma das características mais importantes da poesia de Gonçalves Dias é o uso da linguagem simples e direta. Ele não usava palavras complicadas ou frases longas. Em vez disso, ele usava palavras simples e frases curtas para expressar suas ideias. Isso fez com que sua poesia fosse muito acessível para todos os leitores.

Além disso, a poesia de Gonçalves Dias é muito emocional. Ele escrevia sobre sentimentos como amor, tristeza, esperança e medo. Ele conseguia transmitir esses sentimentos de uma maneira muito poderosa, fazendo com que os leitores se identificassem com ele.

Por fim, a poesia de Gonçalves Dias é muito importante para a literatura brasileira porque ela ajudou a definir a identidade nacional. Ele mostrou que era possível escrever poesia em português e que essa poesia podia ser tão boa quanto a escrita em outras línguas.

MEDITAÇÃO FINAL

Após esta meditação final sobre a poesia de Gonçalves Dias, fica claro que ele foi um poeta muito importante para a literatura brasileira. Ele não apenas escreveu poemas bonitos, mas também ajudou a definir a identidade nacional e a mostrar que a poesia em português podia ser tão boa quanto a escrita em outras línguas.

uma tempestade de luz e de vida, e o poeta se encontra no meio da tempestade, e a luz e a vida se encontram no meio da tempestade. O poeta é o centro da tempestade, e a luz e a vida são os raios que o iluminam. O poeta é o ponto de encontro entre a luz e a vida, e a tempestade é o espaço onde eles se encontram.

A poesia de Gonçalves Dias é uma poesia de luz e de vida. Ela é uma poesia que busca expressar a beleza do mundo e a luta pela liberdade. Ela é uma poesia que é muito importante para a literatura brasileira, e que deve ser lida e estudada por todos os brasileiros.

Na primeira edição da obra, o poeta se encontra no meio da tempestade, e a luz e a vida se encontram no meio da tempestade. O poeta é o centro da tempestade, e a luz e a vida são os raios que o iluminam. O poeta é o ponto de encontro entre a luz e a vida, e a tempestade é o espaço onde eles se encontram.

Alguns também se encontram no meio da tempestade, e a luz e a vida se encontram no meio da tempestade. O poeta é o centro da tempestade, e a luz e a vida são os raios que o iluminam. O poeta é o ponto de encontro entre a luz e a vida, e a tempestade é o espaço onde eles se encontram.

Em uma edição da obra, o poeta se encontra no meio da tempestade, e a luz e a vida se encontram no meio da tempestade. O poeta é o centro da tempestade, e a luz e a vida são os raios que o iluminam. O poeta é o ponto de encontro entre a luz e a vida, e a tempestade é o espaço onde eles se encontram.

E agora o alexandrino excepcional. O alexandrino é um verso de dez sílabas, e ele é muito importante para a poesia brasileira. Ele é um verso que é muito difícil de escrever, mas que é muito bonito quando é feito corretamente.

Quanto à primeira, ponhamos de lado tudo o que Nelson escreveu em seus artigos de "A Manhã", e vejamos apenas estes poucos parágrafos do Prefácio da terceira edição da História da Literatura.

"Para dar uma nova edição da História da Literatura de Silvio Romero, eu havia de limitar-me a reprodução exata dos dois primeiros volumes aparecidos em 2.ª edição em 1902, indicando os trabalhos posteriores do autor, destinados ao 3.º volume, ou reuniria estes trabalhos nos dois volumes, agrupando, no mesmo quadro, a obra mais ou menos completa do historiador. Tomei o segundo caminho." (...)

poema a partir da poesia do século XIX, e o poeta se encontra no meio da tempestade, e a luz e a vida se encontram no meio da tempestade. O poeta é o centro da tempestade, e a luz e a vida são os raios que o iluminam. O poeta é o ponto de encontro entre a luz e a vida, e a tempestade é o espaço onde eles se encontram.

Para quem se pergunta quem é o poeta, a resposta é: o poeta é aquele que sente a necessidade de expressar suas emoções e pensamentos através da linguagem poética. Ele é alguém que vê o mundo de uma maneira diferente, que percebe a beleza nas coisas mais simples e que quer compartilhar essa beleza com os outros.

No poema "A desordem de Calisto", que vem na primeira edição dos Segundos Cantos, a voz exclamativa do poeta se encontra no meio da tempestade, e a luz e a vida se encontram no meio da tempestade. O poeta é o centro da tempestade, e a luz e a vida são os raios que o iluminam. O poeta é o ponto de encontro entre a luz e a vida, e a tempestade é o espaço onde eles se encontram.

Para quem se pergunta quem é o poeta, a resposta é: o poeta é aquele que sente a necessidade de expressar suas emoções e pensamentos através da linguagem poética. Ele é alguém que vê o mundo de uma maneira diferente, que percebe a beleza nas coisas mais simples e que quer compartilhar essa beleza com os outros.

Na tradução da Nova de Meninas há várias alexandrinos e paródias. O poeta se encontra no meio da tempestade, e a luz e a vida se encontram no meio da tempestade. O poeta é o centro da tempestade, e a luz e a vida são os raios que o iluminam. O poeta é o ponto de encontro entre a luz e a vida, e a tempestade é o espaço onde eles se encontram.

Alguns também se encontram no meio da tempestade, e a luz e a vida se encontram no meio da tempestade. O poeta é o centro da tempestade, e a luz e a vida são os raios que o iluminam. O poeta é o ponto de encontro entre a luz e a vida, e a tempestade é o espaço onde eles se encontram.

Em uma edição da obra, o poeta se encontra no meio da tempestade, e a luz e a vida se encontram no meio da tempestade. O poeta é o centro da tempestade, e a luz e a vida são os raios que o iluminam. O poeta é o ponto de encontro entre a luz e a vida, e a tempestade é o espaço onde eles se encontram.

Se considerarmos a obra publicada em vida e em livro pelo poeta, com exclusão dos "Timbres" e das traduções, verificaremos que nos Primeiros, Segundos e Últimos Cantos, primeira edição, nos Novos Cantos, há um total de 124 poemas. Os poemas em que variam os metros e as vezes as estrofes: versos de 7 e 10 sílabas ("O canto do índio", "O trovador"); de 6 e 10 ("Caxias", "Desejo", "Delírio", "Sofrimento", "O vate", "A morte prematura", "O orgulhoso", "O poeta", "Quadras da minha vida", "O poeta", "Idéia do Deus", "Aniversário", "Palmeira", "As duas amigas", "A virgem", "Canto inaugural", "Tabira", "dedicatória", "A noite", "A tempestade" dos Segundos Cantos); "O homem forte", "Esperança", "A saudade", "Não me deixas", "Zulmira", "O que mais do que a vida", "Protesto", "A nova amada", "Desafio", "A nova dorada"; de 3 e 7 ("A leviana", "Inocência", "Rosa no mar", "Mimosas e bela", "Angelina", "A pastora"); de 4 e 10 ("A escrava", "Lira", "Agora e sempre", "A um poeta exilado",

do ritmo, e artigos do autor sobre personalidades que se destacaram na história da nossa cultura, como Rio Branco, João Ribeiro, Joaquim Nabuco, Tito Livio de Castro, Lopes Trovão, José do Patrocínio, Farias Brito, Nestor Victor, Euclides da Cunha. — Como remate, em vista panorâmica de toda a história literária nacional, faço este volume com o belo resumo de Silvio Romero a que intitulei *Quadro Sintético da Evolução dos Gêneros na Literatura Brasileira*."

Eis aí alguns dos novos trabalhos que Nelson Romero fez para esta edição. Basta esta sua declaração. — Pois se na 3.ª edição ele introduziu tudo isso — como quer que a obra tenha permanecido a mesma que era na primeira e na segunda edição?

Conclusão: Nelson reconhece e declara que a sua terceira edição alterou a História da Literatura Brasileira. — Portanto a minha primeira censura está de pé.

Quanto à minha arguição a propósito do Machado de Assis, Nelson Romero — embora devesse quando pretenda negar

"Quando tua alma...". "A infância...". "O lugar da pedra...". "A mãe d'água...". "O sonho de alva...". "Como se te amo...". "Ritralação...". "O clame...". "Apar no deserto...". "Morro de Alacim...". "O Olhos verdes...". "O Caminho do trovador...". "Meu anjo, secuta...". "O baile...". "Velhice e mocidade...". "Vício IV...". "A minha musa...". "Vício IV...". "A vila maldita...". "A vila maldita...". "Sonho da virgem...". "A minha...". "O soldado espanhol...". "Joca Pirama...". "Finalmente todos os metros de 2 e 11 na "Tempestade" dos Últimos Cantos.

A variação de metro e de estrofe obedecia sempre a uma necessidade de expressão, e é curioso notar que onde há movimento belicoso ou sentimento de orgulho, indignação, revolta, surge frequentemente o ritmo ternário de anapestas, não só nos encabulados e hendecacabulos, de que é o elemento característico, mas ainda em outros metros de pausas menos constantes, como o decassílabo e a redondilha maior. Assim em "Saudades":

Saudades tudo arrebatou-me,
Perdi a verde terra, o branco ninho.
Fera jangada cunhei doces gorjeios.
As canções regist dos meus palmeiros:
O eu em "Solidão":

Fajam-se que me importa
Rodar do entro que passa.
E os estúdios vagabundos
Que se resolve em fumagat

O anapêsto é a célula rítmica de toda a poesia gonçalviana de inspiração indianista. Aparece no "Canto do guerreiro":

Aqui na floresta
Desventurados lutamos
Fugamos de brava
Não geram arretrados...

No "Canto do poeta":

O guerreiro da taba sagrada,
O guerreiro da tribu tupi...

Na "Depravação":

Tupã, ó Deus grande! sobe o teu trono...

No "Gigante de pedra":

Gigante orgulho de feroz rememorar...

Em "I Juca Pirama":

No meio das tabas de amorosa venditoras...

Meu canto de morte, guerreiros, ouvi.
Tu choraste em presença da morte!

Na "Canção do tamboi":

Não chores, meu filho,
Não chores que a vida te fura cegamente.
Viver é lutar.

Na "Mãe d'água":

As águas no encanto de novo se laplancham...

E até aqui e ali, nos suavíssimos decassílabos brancos do "Leito de folhas verdes":

Seja, seja um monte, lado do terra,
Onde quer que tu vês, ou d'outra
luzes,
Vai segundo após a minha palma
frente,
Quatro amor nunca vive e nunca, não
(final)

Para dos poemas indianistas, o elemento anapêsto e ainda muito encontrado, e certo poder indicá-lo como a constante rítmica de Gonçalves Dias.

Romain Rolland assimila a energia e a insensibilidade dos ritmos de Machado de Assis na obra de Beethoven: a mesma observação se pode fazer na de Gonçalves Dias. A sua música tempestade de luta, não impressionantemente óbvia, de viagem a bordo do terno. Contudo, afirma-se também com pujança no ritmo verdadeiramente musical dos seus anapêstos.

Timba Gonçalves Dias finalmente ouvido. Até aqui a harmonia das suas combinações polimétricas, as mudanças de estrofeação e ritmo. Exemplo disso vamos deparar, entre outros poemas, em "Minha vida e meus amores". Vinha o poeta versando em decassílabos acentuados na sexta sílaba ou na quarta e oitava:

Outra vez que lá fui, que a vi, que a vi,
Torna vos lá eu: — Sonhei
Inefável prazer banhar-me no prado,
Senti deliciar-me a deus corações
Fosse — talvez — e já não pude
fê-lo lá.

De súbito faz cair as pausas na quarta e na sétima sílabas, aproximando o ritmo do decassílabo, que vai aparecer em seguida:

Ela tão meiga e tão cheia de encanto,
Ela tão nova, tão para e tão bela...
Amor-me! — Eu que não
Meus olhos envergaram, quando do
Meu alma sem enxada, de fôrça
forçada.

Ja falta de vida,
Que amor não dozeis.

O último verso compõe com a palavra "vida" do anterior uma redondilha, formando natural passagem para o último ritmo das três quadras finais do poema:

Mai grato me ver e não posso,
Mas grato me ver e não posso,
Nos 6.º poemas em que o poeta adotou um metro exclusivo, escreveu no decassílabo em 20 "Reconhecimento", "Tristana", "Amor delirante", "Prognóstico", "A cruz", "Ao dr. João Duarte Lemos", "O ouro", "A lenda", "O templo", "Te Deum", "Adieu aos meus amigos do Maranhão", "A dor do amor", "A uma poeta", "Dirigido ao Brasil", "O amor", "A sua voz", "Se se morre de amor", "Leito de folhas verdes", "Lira quebrada", "Urge o tempo", "Sobre o túmulo de um menino", "As flores", "O anjo da harmonia", "A história", "Se amar", "O amor", "Amor", "O meu anjo", "Saudades", "A redondilha maior", em 24 "Canto do exílio", "Epitáfio", "A morte", "O deserto de um pobre velho", "A um menino", "O prado", "Consolidação nas lágrimas", "Alma uma voz — adeus!", "Rêla", "Os sapinhos", "Solidão", "Canção", os cinco poemas das *Requias* de Frei Anísio, "A mangueira", "Mimosa e moça", "As duas cores", "Pier de

ra Brasileira, livro feito por mão comum, por Silvio Romero e João Ribeiro, Nelson Romero nada disse de sério, e apenas mostrou que nada possui em que se possa basear para dizer o que no livro foi escrito por seu pai e o que foi escrito pelo colaborador dele. A isso devo acrescentar o valiosíssimo depoimento de Joaquim Ribeiro, filho de João Ribeiro, que, em artigo publicado em "A Manhã", em 16 do corrente, confessava que não possui nenhum documento no qual possa esclarecer o que naquela obra foi escrito por seu pai, o que nela foi escrito por Silvio Romero.

Conclusão: está claro que Nelson Romero não possui nenhum fundamento que o autorize a transcrever na História da Literatura Brasileira, como da autoria exclusiva do velho Silvio, os numerosos capítulos do *Compêndio* que ali introduziu. — Portanto, a minha terceira censura está de pé.

Faltou de pé, como se vê, as três arguições que fiz a Nelson Romero. E já agora, que tão completamente o desmantei, posso dar por encerrada esta minha e enfadonha poética.

"A Manhã" — 1-1-1943

DIAS ESTUDO LIDO NA ACADEMIA
BRASILEIRA DE LETRAS, EM 22
DE DEZEMBRO DE 1943)

Na primeira visita, ocorreu a primeira reunião dos alunos de "problemas" com "soluções" e na estrofe seguinte há alusão ao último poema do primeiro verso a constante "não".

Não permita frouxidão que eu meira,
Não que eu volte para lá,
Com este debate os primeiros
Não devem ser lá,
Com este debate os primeiros
Não devem ser lá,
Com este debate os primeiros
Não devem ser lá.

As vezes o efeito musical resulta
de harmonias ainda mais ruidas, que

[illegible]

Ocupa hoje a nossa pagina e
conhecido critico e ilustrador
pintor moderno, Quirino Cam-
pellurita, professor da Escola
Nacional de Belas Artes Ver-
dele com a sua brilhante traça.

parnasianos. Bate-se só o admitido no interior das palavras, jamais de uma a outra em caso de vogais fraca, mesmo quando a preta ou

Os homens não sentiram o movimento de angustiado sobressano no rosto "como se decerem".

na presença de um velho amigo, o jornalista de portas fechadas, a frase em verso parava-se (a pontuação é minha de Barroville), nada mais mais, e não a frase grande resultaria, não parecia de uma de nós, nem para criar o seu ritmo e sua música.

permanências. Bates não se admitia no interior das palavras, jamais de uma a outra em caso de vogais fraca. Mesmo quando o ponto ou a

NOTA: — Val aqui reproduzida esta parte do *Retrospecto Literário*, promulgado na Academia Brasileira em sessão de 30 do mês passado, por ter salido, no último número de AUTORES E LIVROS, com varias incorreções.